

UMA DUAS, ROMANCE DE ELIANE BRUM

BRUM, Eliane. *Uma duas*. São Paulo: Leya, 2011.

Renata Koury*

Eliane Brum é jornalista, nascida em Ijuí. Esta gaúcha reside agora na capital de São Paulo, trabalha como colunista no site da revista *Época*, e também é cronista do site *Vida breve*.

Uma duas é seu primeiro romance. Entre seus livros anteriores destacam-se: *Coluna prestes — o avesso da lenda* (Editora Artes e Ofícios), com o qual ganhou o prêmio Açorianos de autora revelação, *A vida que ninguém vê* (Arquipélago), vencedor do Prêmio Jabuti de melhor livro de reportagem e *O olho da rua* (Globo). Seu talento como jornalista foi reconhecido com mais de quarenta prêmios nacionais e internacionais, e seu documentário, *Uma história Severina*, recebeu vinte premiações, apesar de ser o seu primeiro filme. Desse modo, podemos reconhecer na autora que o esmero no que se propõe é um traço marcante, assim como a qualidade criativa de sua literatura.

Uma duas é um romance apocalíptico. Uma aventura na busca de si mesmo e uma descoberta de significados para a vida, no resgate de uma relação muito difícil entre mãe e filha que, surpreendidas pelo câncer fatal de Maria Lúcia (mãe), reaproximam-se, reunidas em um romance de verdades doloridas e caóticas dos traumas vividos por cada uma, relatados em um livro autobiográfico pelas personagens protagonistas mencionadas.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Literatura Comparada: Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade de Marília-SP – UNIMAR.

A trama é psicológica, narrada em terceira e primeira pessoa, com fluxo de consciência. Um espaço para os desejos proibidos e acontecimentos escondidos. Mordaças do discurso que nos levam à não existência são neutralizadas, o livro é um desabafo selvagem. Cento e setenta e cinco páginas, separadas em trinta e sete capítulos, *Uma Duas* traz um assunto triste e devastador.

As lembranças confessadas verborragicamente por mãe e filha traçam um lugar comum para um reencontro e uma despedida, história trágica de um relacionamento de desencontros e interditos, que culminam na morte de Maria Lúcia. Os mais variados assuntos são ventilados na tessitura narrativa, desde velhice, interdição, loucura, infanticídio, estupro, abuso e desejo infantil, automutilação, depressão, eutanásia, críticas sociais e também às instituições.

Lugares e assuntos de solidão, *Uma Duas* é uma obra que nos transmite quase a sensação de uma agressão física. A realidade das personagens machuca o leitor, incomoda, provoca indignação, nojo, medo, horror, lembranças indesejáveis: são muitos tabus revirados. Sente-se a leitura como se estivéssemos deslizando para um mundo de sombras e escuridão. As cenas do livro causam sensações intensas e, por vezes, desconfortáveis, nos seus receptores. Os pensamentos e ideias fogem-nos ao controle. As barreiras são ultrapassadas como por um caminhão sem freio na descida tamanho é o poder discursivo das peripécias narradas no romance.

Enxergamos os pontos cegos refletidos nas vivências das personagens, que nos espelham. Verdades brutas, cruas, desconfortáveis, corrosivas. As personagens nos surpreendem frágeis e humanas, nada maniqueístas: ora vilãs e torturadoras, ora vítimas, ambas com forte personalidade e tudo nelas surpreende o leitor.

As narradoras-personagens se alternam em primeira pessoa, direto do pensamento para as linhas do texto, escritas em letras vermelhas, simbolizando o sangue que verte da história de Laura e Maria Lúcia, literalmente nas páginas do livro. Para escrever este romance, Eliane Brum conviveu com doentes no hospital do Mandaqui, localizado em São Paulo capital e especializado em amenizar os últimos momentos de pacientes terminais.

O estilo jornalístico da escritora a qual narra o cotidiano em crônicas do dia-a-dia, transparece no discurso do romance que se alterna entre as personagens, proporcionando-lhes a oportunidade de contar a mesma história mostrando-a ao leitor sob prismas diferentes e cada uma a sua maneira. Pode-se considerar que o romance seria uma reflexão na qual uma se colocou no lugar da outra. Fica a cargo do leitor a interpretação se são mesmo uma ou se são duas ao final da trama.

O caráter de não-julgamento prevalece. Os fatos são expostos, o leitor interpreta. A crítica à moral, aos costumes e instituições é explícita. As personagens têm narrativas viscerais, que jorram como se fossem mulheres sem maquiagem, sem bom mocismo, anti-heroínas de desvalidas experiências.

Um romance que requer estômago, estrutura, e coragem por parte do leitor devido às provocações que são como farpas a cada palavra.

Encontramos no texto um diálogo intertextual com o livro *A Metamorfose*, de Franz Kafka (1883-1924), em uma passagem na qual uma das personagens-narradoras menciona explicitamente o escritor alemão, fazendo referência ao drama do protagonista, Gregor Samsa, que uma manhã se vê transformado em inseto: “[...] Alguns dias depois, eu acordei naquela cama e não reconheci mais meu corpo e nem o dela. Eu gritava que tinha virado uma barata gigante e eu ainda não tinha lido Kafka. [...]” (BRUM, 2011 p.63).

Também com um estilo peculiar na escrita que nos remete à Clarice Lispector, as palavras das personagens cortam nossas resistências como facas, frases agudas nos dão a sensação de verter sangue e nos mergulham em sua profundidade, surpreendendo pela rapidez, deixando-nos com a respiração entrecortada, revelando mensagens simbólicas, introspectivas, subjetivas, enfim, impressões fortes e problematizadoras de um cotidiano marcado pela dor e pelo sofrimento.

É um texto para todo leitor que deseje aventurar-se pelo universo feminino, com todas as suas nuances, problemas, dores e infelicidades, para poder acompanhar toda a humanidade exposta em feridas e, a cada parágrafo, uma reflexão. Esta obra merece ser

lida, justamente por incomodar o leitor, devendo ser discutida nos meios acadêmicos e nas conversas do dia a dia, pois a boa literatura costuma ser provocativa e instigante.

Há um pouco de nós em cada uma delas, personagens míticas, que não hesitam em desnudar-se, revelar o lado grandioso e mesquinho, o belo e o feio da alma feminina: *Uma Dnas* é revolução interior, tratada com sensibilidade e maturidade na escrita de Eliane Brum.

*Recebido em 21/09/2013.
Aprovado em 27/12/2012.*